

DO MAR AO RIO: A GÊNESIS DA FOTOGRAFIA BRASILEIRA

FROM THE SEA TO THE RIVER: THE GENESIS OF BRAZILIAN PHOTOGRAPHY

Nay Jinknss
PPGARTES-UFPA

Resumo

Este ensaio visual tem como objetivo apresentar um manifesto e fotografias, resultado do programa de residência Inclusartz, realizado no Rio de Janeiro, que tinha como objetivo lançar provocações a respeito dos *cartes de visite* produzidos nos estúdios dos fotógrafos estrangeiros Alberto Henschel e do português Filipe Fidanza no século XIX. Neste espectro a pesquisa tem como foco, sobretudo, refletir sobre essas imagens fixadas pelo tempo e propor uma contra narrativa, para além dos padrões hegemônicos. Tendo em vista que a historiografia nacional é marcada por apagamentos e violências, que reforçam e privilegiam uma linha dominante de pensamento, na qual identidades e culturas são diminuídas e marginalizadas.

Palavras-chave:

Genesis da fotografia; Alberto Henschel; Filipe Fidanza; Nay Jinknss; Carte de visite.

Abstract

This visual essay presents a manifest and photographs resulting from the Inclusartz Residency in Rio de Janeiro. It discusses the carte de visite, produced in the studios of the foreign photographers Alberto Henschel and Filipe Fidanza in the nineteenth century. This research focuses on these images fixed over time and proposes a counter-narrative that surpasses hegemonic patterns, as our national history is marked by violence and social erasure that reinforce and privilege a dominant line of reasoning in which certain cultures and identities are marginalised.

Keywords:

Genesis of photography; Alberto Henschel; Filipe Fidanza; Nay Jinknss; Carte de visite.

MANIFESTO - GÊNESIS DA FOTOGRAFIA BRASILEIRA

Quando se fala sobre a gênese fotografia brasileira;
Como surge e qual sua intenção ao retratar o Brasil, encontra-se o olhar estrangeiro.
Um olhar embranquecido com o interesse de vender um imaginário;
De um país civilizado ou de uma Amazônia a ser conquistada.

Esta fotografia que foi vendida nos carte de visite;
Coisificou, objetificou, hipersexualizou e criminaliza até hoje corpos negros - assim como o meu.
Corpos negros, corpos indígenas estão a margem.

Eu digo e repito:

Uma fotografia não vale mais que mil palavras

Uma imagem precisa ser - IDENTIFICADA!

A fotografia como arma imperialista, reforça por inúmeros caminhos um lado da história
Uma estética racista, com privilégios e permanências de poder.
Por este motivo, é importante documentar o outro como alguém que a gente ama
Com afeto e dignidade e não apenas em nome da "arte".

Então, ao pensar em uma fotografia compartilhada é permitir que o outro
Que sempre este à frente da câmera como - alvo
Possa se expressar, para que não se torne refém
De histórias únicas.

O ensaio visual aqui presente é uma obra contra hegemônica, a partir dos acervos fotográficos de Alberto Henschel (1827-1882) e Felipe Fidanza (1844-1903). Fotógrafos com trajetórias semelhantes, foram estrangeiros radicados no Brasil. Responsáveis pela documentação das transformações do Brasil Império e dos “tipos” sociais, produziram um grande número de carte de visite, com imagens tipificadoras, adequadas ao colecionismo de caráter etnoantropológico, fixando um imaginário exótico e racista a respeito do Brasil.

Alemão radicado no Brasil, Henschel era empresário bem-sucedido do campo da fotografia e chegou a ser agraciado com o título de fotógrafo da Casa Imperial, tendo produzido um grande número de retratos de “Tipos de Negros” no formato carte-de-visite. Como ocorreu também com Fidanza, português responsável pela documentação das transformações urbanas que Belém do Pará sofria durante a fase áurea do Ciclo da borracha na Amazônia, a chamada Belle Époque ou Paris n’América.

Quando observamos a gênese da fotografia brasileira, qual sua intenção ao documentar o Brasil, encontra-se o olhar estrangeiro. Um olhar hegemônico com o interesse em vender a imagem de um país civilizado ou de uma Amazônia a ser conquistada. Narrativa que reforça, por inúmeros caminhos, um lado único da história. Uma arma imperialista, estética e estratégia racista, que beneficia e assegura os privilégios de uma sociedade colonialista.

O que ligaria então os fotógrafos imperialistas aos artistas contemporâneos? Historicamente, as colonialidades do poder, do saber e do ser, em países colonizados, produziram - e continuam a produzir - as diferenças sociais modernas. Ademais, servem como ferramenta intersubjetiva e interpessoal de forma tal que passam a ser naturalizadas e não vistas como fenômenos da história do poder, implicando na compreensão das diversas facetas do epistemicídio.

As imagens não são inocentes, muito menos quem as produz. Neste sentido, as experiências visuais estão profundamente conectadas também às relações de poder e de tecnologia. Há uma nítida política de embranquecimento social, refletida nas artes, nos espaços institucionais, nos processos de formação educacional como um todo, privilegiando uma fonte de conhecimentos eurocêntricos, que invisibiliza e/ou impossibilita qualquer outra narrativa, outras histórias, culturas, crenças, artes e outros imaginários. Repensando sobre caminhos possíveis de uma contra narrativa. Um olhar compartilhado, horizontal e consciente das pautas políticas atuais em relação à raça, gênero, classe, etnia dentre outras diversidades.

Deste modo, este ensaio visual lida com questões inadiáveis, uma tentativa de reparação histórica em relação à mudança social e educacional, permitindo uma ampliação da visão de mundo associada, aqui, aos discursos identitários e ao protagonismo das populações tradicionais, povos originários, afro-brasileiros e de gêneros dissidentes, ausentes da historiografia nacional.



Figura 1 - Do mar ao rio, Naiara Jinkns, 2022, Fotografia, 60x70.



Figura 2 - Do mar ao rio, Naiara Jinknss, 2022, Fotografia, 60x70.



Figura 3 - Do mar ao rio, Naiara Jinkns, 2022, Fotografia, 60x70.

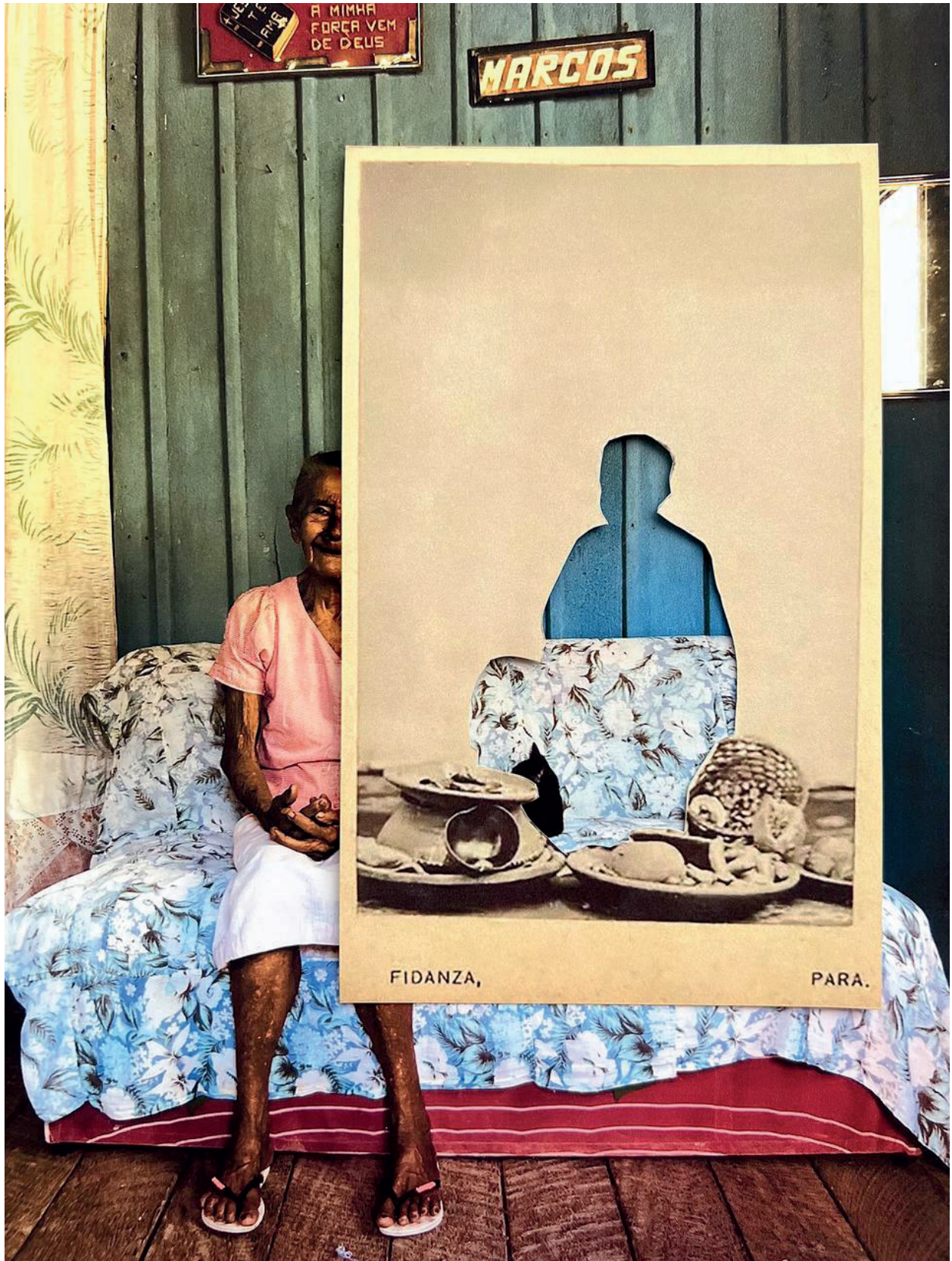


Figura 4 - Do mar ao rio, Naiara Jinknss, 2022, Fotografia, 60x70.



Figura 5 – Do mar ao rio, Naiara Jinkns, 2022, Fotografia, 60x70.



Figura 6 - Do mar ao rio, Naiara Jinkns, 2022, Fotografia, 60x70.



Figura 7 - Do mar ao rio, Naiara Jinkns, 2022, Fotografia, 70x60.



Figura 8 - Do mar ao rio, Naiara Jinknss, 2022, Fotografia, 70x60.

SOBRE A AUTORA

Nay Jinknss é uma mulher negra, lésbica, nascida e criada em Ananindeua, no Pará. Possui graduação em Artes Visuais e Tec. da Imagem pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Mestranda em Artes (PPGARTES-UFPA). Atua como artista visual, educadora social, ativista LGBTQIAP+ e pesquisadora.

E-mail: contatonayjinknss@gmail.com